

Tranquilizantes contêm Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Pela fisionomia carregada do ex-presidente João Batista Figueiredo, qualquer pessoa, por mais desavisada que fosse, conseguiria medir seu grau de irritação. Seu antecessor, Ernesto Geisel, ao contrário, mantinha-se impassível, mas descarregava seu desagrado em sucessivos murros sobre a mesa. Reações semelhantes jamais fizeram parte do dia-a-dia do presidente Sarney, cujo controle tem resistido à desobediência de ministros e provocações de parlamentares.

Não foi à toa, portanto, que o tom enérgico empregado por Sarney para refutar as críticas, igualmente duras, do presidente da Associação Comercial de Manaus, Jorge Loureiro, na quarta-feira, tenha surpreendido a todos quantos já se acostumaram a vê-lo mais na defesa, raramente contestatório e nunca na ofensiva. Só não foi surpresa para os que o conhecem de palanque, onde marcava presença com réplicas capazes de desarmar os mais duros opositores. Na verdade — explicam seus assessores — Sarney mantém, hoje, uma posição ditada pelas circunstâncias que o levaram à Presidência. É natural, portanto, que a mudança de tom proceda da decisão de dar por encerrada a primeira fase "circunstancial" de governo, quando se propôs a escolher nova equipe de auxiliares. Mas a mudança de procedimento deve ficar restrita aos críticos menos sutis, sem nunca ameaçar os ministros com arroubos de autoritarismo, como fazia Geisel, ou sem passividade, como o general Figueiredo. Ele já se dispôs a impedir que a maneira cortês como trata seus auxiliares seja confundida com hesitação ou até mesmo fraqueza.

Aconteceu algo semelhante no relacionamento com a imprensa. Os repórteres, principalmente os que não acompanham a rotina do Palácio do Planalto, confundiram o tratamento amável do presidente com descaso com a hierarquia. Numa ocasião, em São Paulo, foi alvo não só de perguntas agressivas, mas até de um microfone mal colocado, que lhe feriu o lábio superior. Ele abandonou a postura de parlamentar, que nunca fechava a porta aos jornalistas, por outra mais formal, ainda que cordial.

Além disso, o que mais diferencia hoje o presidente do ex-senador Sarney é o estado de tensão constante, transparente ao menor contato. "E com tantos problemas para resolver, vocês queriam que fosse diferente?" — respondem por ele os assessores. Ocorre que, enquanto Figueiredo vivia ameaçando explodir, o aparente autodomínio do presidente Sarney esconde bem certa parcela da mesma disposição, mantida sob controle por doses diárias de antidistônicos, pela sensibilidade de poeta e, sobretudo, pela disposição de apagar da memória nacional, a imagem de presidentes imprevisíveis, de difícil trato.

Por mais que as críticas sejam incômodas, Sarney conseguirá refutá-las com uma retórica compatível com a função de governante. Trata-se apenas de saber dosar, como demonstrou em Manaus, o que Figueiredo apregoava como sendo "rudeza franca". Em 1982, numa exposição de gado, em Uberaba, Figueiredo demonstrou esse comportamento, após ouvir, carrancudo, do representante dos pecuaristas quatro laudas de ataques à política econômica do governo. Mais tarde, quando o ex-presidente olhava os animais, o crítico se aproximou e foi surpreendido por uma violenta cotovelada: "o senhor foi deselegante comigo", reagiu Figueiredo, dando o assunto por encerrado. Sarney certamente jamais fará isto, até pela falta de adestramento físico.